

POESIA EM NÓS

NÓS EM POESIA



Alunos e Professores do Agrupamento
de Escolas Gabriel Pereira de Évora

POESIA EM NÓS, NÓS EM POESIA

Ficha técnica

Título: Poesia em nós, nós em poesia

Projeto: Ana Paula Pereira, Guilhermina Rebocho, Gracinda Mendes, Helena Bruno, Manuel Dias, Maria José Silvestre e Nuno Moreira

Autores: Alunos do 3.º Ciclo do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira – Évora

Colaboradores: Alunos e professores do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira – Évora

Organização: Maria José Silvestre (Coord.), Ana Matos, André Fialho, Matheus Ferreira, Paola Müller, Pedro Bolas

Publicação: Manuel Dias

Edição: Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira – Évora

Seleção de imagens: Maria José Silvestre (Coord.), Ana Matos, André Fialho, Manuel Dias, Matheus Ferreira, Paola Müller, Pedro Bolas

Paginação: Maria José Silvestre (Coord.), Ana Matos, André Fialho, Matheus Ferreira, Paola Müller, Pedro Bolas

Revisão dos textos: Maria José Silvestre

Páginas: 60

Ano de publicação: 2018

PREFÁCIO

CAPÍTULO I – CRIA(ÇÃO) POÉTICA

[Amizade I](#), Maria Eduarda Latas e Pedro Machado – 9º B

[Amizade II](#), Beatriz Charneca (9º D), Madalena Fernandes (9º B), Madalena Santos (9º B), Marta Rosa (9º D), Matilde Soares (9º B), Miguel Ribeiro (9º D), Patrícia Costa (9º B) e Rita Consolado (9º B)

[As Quatro Estações](#), Catarina Siva, Inês Caixeiro e Patrícia Pereira – 9º D

[Capuchinho Vermelho do Século XXI](#), Ana Matos, Mariana Marques e Rita Fernandes – 9º A

[Carta de Amor](#), João Delfino e João Monginho – 9º A

[Contradições](#), Pedro Batista – 9º B

[Dedicatória](#), Beatriz Rebocho e Joana Pereira – 9º B

[Distância](#), Rúben Pereira – 9º C

[Dormir](#), Gonçalo Pereira e José Cavaco – 9º B

[Ela](#), Filipe Tojo, Joana Maurício e Simão Rebocho – 9º B

[Escrever](#), Filipa Cristiano – 7º C

[Férias em Família](#), Dinis Santos, Gonçalo Bárias, João Bibiu, Rodrigo Caetano e Tomás Ramalho – 9º A

[Flores para ti](#), João Guerra e João Mourão – 9º B

[Gosto de ti](#), Leonor Caixeiro – 9º B

[Melhor Amiga](#), Daniela Carreteiro – 9º D

[O Amor](#), Alexandra Bastos e Margarida Santos – 9º D

[O Amor é](#), João Silva - 9º C

[Paixão ou Amor?](#), Ana Carina Ribeiro – 9º C

[Palavras](#), Margarida Sécio – 7º C

[Postal da Nossa Cidade](#), Beatriz Charneca, Henrique Sabino, João Cruz, Marta Rosa, Miguel Ribeiro e Pedro Mendes – 9º D

[Praia](#), Ana Martins e Cristina Silva – 9º D

[Último Dia de Vida](#), Margarida Pascoal – 9º A

[Vento](#), Maria Inês Alfaiate – 9º A

[Vida](#), Afonso Roque Cadete – 9º C

CAPÍTULO II – POEMAS DAS NOSSAS VIDAS

[Adeus](#), Eugénio de Andrade

[Amar](#), Florbela Espanca

[A Paz sem Vencedor e sem Vencidos](#), Sophia de Mello Breyner Andresen

[Calçada de Carriche](#), António Gedeão

[Cavalo à Solta](#), Ary dos Santos

[Graças](#), João Xavier de Matos

[Mar Português](#), Fernando Pessoa

[Na hora de pôr a mesa, éramos cinco](#), José Luís Peixoto

[Poema XV \(Me Gustas Cuando Callas\)](#), Pablo Neruda

[Rifão Quotidiano](#), Mário Henrique Baptista Leiria

CAPÍTULO III – LAVRATÓRIO DE POESIA

[Inania verba](#), Olavo Bilac

[Autopsicografia](#), Fernando Pessoa

[“Gastei uma hora pensando um verso”](#), Carlos Drummond de Andrade

[Ser Poeta](#), Florbela Espanca

[O Lutador](#), Carlos Drummond de Andrade

[Poesia Matemática](#), Millôr Fernandes

[Poema do Coração](#), António Gedeão

[“Chega mais perto e contempla as palavras”](#), Carlos Drummond de Andrade

[No Poema](#), Sophia de Mello Breyner Andresen

[As Palavras](#), Manuel Alegre

[Lavoisier](#), Carlos de Oliveira

[Quadras Soltas](#), António Aleixo

[Arte Poética](#), Miguel Torga

[A Defesa do Poeta](#), Natália Correia

[“Que é a poesia?”](#), Cassiano Ricardo

[“Vou cantar a vida”](#), Leticia Thompson

[Para Escrever um Poema](#), Nuno Júdice

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

“Prefácio”, segundo o Dicionário Priberam em linha, consiste num “Discurso preliminar em que se expõe ordinariamente o motivo de uma obra, os processos nele seguidos, etc.” ou num “Texto que antecede a parte principal de uma obra literária”. O leitor comum pode, de uma forma geral, decidir se vale ou não a pena gastar tempo a ler o livro, a partir da leitura do Prefácio.

Ingrata tarefa a da escriba deste Prefácio que (pelo menos hipoteticamente) carrega nos ombros a responsabilidade de convencer os leitores de que este é um livro que vale a pena ler!

Posto este desabafo, modestamente convido os leitores a folhearem o livro, vagarosa ou demoradamente, de fio a pavio ou saltando páginas, mas sempre fruindo no decurso da leitura.

E é com enorme satisfação que apresento aos leitores este livro sobre poética para nos descobrir a nós (os alunos e os professores que trabalhamos e/ou amamos o texto poético), e que cumpre a finalidade maior de celebrar a Poesia no seu Dia Mundial deste ano de 2018.

O projeto de produção de um livro sobre poesia nasceu numa reunião de trabalho de professores de Português, do 3.º Ciclo do Ensino Básico (EB), do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira.

Animavam o espírito dos dinamizadores algumas crenças e propósitos. Desde logo, a crença de que a poesia tem a capacidade de nos transportar para tempos intemporais em espaços globais e universais: e surgiu a ideia de publicar um e-book. Em segundo lugar, a confiança na capacidade criativa dos nossos alunos do 3.º Ciclo do EB – jovens (ainda) amantes de poesia, (ainda) deslumbrados com a capacidade encantatória das suas sonoridades, (ainda) facilmente cativados pelos desafios lançados pelos professores –, bem como a esperança na sua capacidade inata para fazer rimas, ao jeito de tantos poetas populares alentejanos. Assim surgiu o Capítulo I – Cria(ção) Poética. Em terceiro lugar, a crença de que a fruição da poesia não é território privado lavrado apenas por professores de Português. Surgiu, pois, a ideia de lançar o desafio a colegas de outras disciplinas, para que disso dessem testemunho. E surgiu o Capítulo II – Poemas das Nossa Vidas, que apresenta o contributo de dez ousados professores que nos entreabriram as janelas das suas almas e nos indicaram os poemas da sua preferência. Cumpriu-se, ainda, o desiderato de olhar a poesia e o ato de escrita a partir das lentes de poetas da lusofonia. E nasceu o Capítulo III – Lavratório de Poesia.

Apresentada a obra, resta-nos desejar boas leituras e convidar-vos a celebrar connosco o Dia Mundial da Poesia 2018.

Maria José Silvestre
(Coordenadora do Grupo de Português de 3.º Ciclo)

Capítulo I - CRIA(ÇÃO) POÉTICA

AMIZADE I



– Eu estou bem como sou.
– Eu estou bem com quem estou.

– Ainda me lembro bem
de como tudo começou.

– Foi num belo dia de verão
que a nossa amizade nasceu,
mas não em vão.

– Tivemos algumas discussões
que não chegaram a desilusões...

– E, para dizer a verdade,
é preciso muita tranquilidade
para mantermos esta amizade.

Maria Eduarda Latas e Pedro Machado – 9º B

AMIZADE II



A amizade
é um sentimento especial
que nos traz felicidade,
mas por vezes nos deixa mal.

A amizade não escolhe idades,
mas sim cumplicidades.

É bom ter-te por amigo,
Porque em ti posso confiar.
Sei que se for ter contigo
estarás lá para me ajudar.

A amizade é quando tens
alguém em quem confiar.
Mesmo com desentendimentos
sabes que não vai acabar.

É tempo de paz, felicidade, amor,
amizade, liberdade e harmonia.
Voa gracioso o beija-flor
nestes tempos de alegria.

Destes breves anos de vida
todos os momentos recordados;
muitos deles vivemos juntos,
da memória não serão apagados.

Beatriz Charneca (9º D), Madalena Fernandes (9º B), Madalena Santos (9º B), Marta Rosa (9º D), Matilde Soares (9º B), Miguel Ribeiro (9º D), Patrícia Costa (9º B) e Rita Consolado (9º B)

AS QUATRO ESTAÇÕES



O clima é incerto,
Está sempre a mudar.
Parece ter sentimentos:
Ora está feliz, ora a chorar.

Verão! Verão, és tu?
O mais quente, o mais divertido!
Com tanto calor assim,
Só me apetece estar despido
E em frescas águas nadar
Só para mais fresco ficar.

Outono! Outono, és tu?
Tu és frio também.
Deixas cair as folhas com o vento
E por já começar a arrefecer
Tenho de me agasalhar bem.

Inverno! Inverno, és tu?
És o sentimento mais triste,
És o mais frio do tempo.
Quando estás desanimado, choras.
E quando estás irritado fazes vento.

Primavera! Primavera, és tu?
És a mais doce e mais bela,
Cheia de flores, de cores e odores.
És tu que vens agora?
Pois sim, chegou a tua hora.

Catarina Siva, Inês Caixeiro e Patrícia Pereira – 9º D

CAPUCHINHO VERMELHO DO SÉCULO XXI



Era uma vez uma Menina
A quem sua Mãe não ouvia.
Foi levar bolinhos à Avó
E falou com quem não devia.

Após uma grande corrida
O Lobo em primeiro chegou.
Comeu depressa a Avozinha
E dela se disfarçou.

Aposto que todos já sabiam isto,
Mas não é essa a história que quero contar.
Já estamos no século XXI
Por isso tudo vai mudar.

Em vez de bolinhos no cesto
Computadores e tablets passou a haver;
Mais os telemóveis e as televisões –
Disso passou ela a depender.

Agora sim,
Leiam com muita atenção
Estes versos bem pensados
Que com eles aprenderão.

Certo dia,
Capuchinho se sentou
Na cadeira do seu quarto
E no bolso o telemóvel tocou.

Com as amigas conversava
Como fazia no dia a dia.
Uma notificação recebeu
De uma pessoa que não conhecia.

«Olá, bom dia»,
Foi assim que começou
E com encontro marcado
Esta história acabou.

Se sua mãe não tivesse
Percebido a situação
O homem com quem falava
Podia chegar à violação.

Isto para dizermos
Que a internet tem o seu perigo.
Há que saber usá-la,
Por isso aprende comigo.

Assim termina a lição
Que não deves esquecer:
Mantém-te sempre em segurança
E não precisas de agradecer.

**Ana Matos, Mariana Marques e Rita
Fernandes – 9º A**

CARTA DE AMOR



Escrevo-te esta carta com dor,
Com amor e também ardor
Sinto algo maior
Algo com muito valor

Hoje decidi declarar-me
Escolhi-te a ti para amar,
Descobrir e valorizar

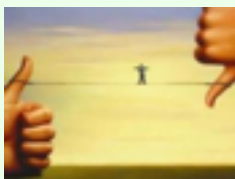
Tenho vontade de fugir
De esconder este sentimento
Sinto que é hora de agir
Mas ao mesmo tempo tenho medo

Desde aquele primeiro dia
Em que estive contigo
Encheu-se-me a alma de alegria
E em ti encontrei um abrigo

Vi então no teu olhar
O que não vira em ninguém
Fizeste-me perceber o que era o amor
E levaste a minha solidão para além

João Delfino e João Monginho – 9º A

CONTRADIÇÕES



Mandaram-me fazer um poema
E nem sempre é fácil encontrar um bom tema.
Aquilo de que hoje escrevo é o AMOR:
Para uns, motivo de eterna felicidade,
Para outros, um poço fundo de dor.
Para uns é sentir borboletas na barriga todos os dias,
Para outros é sentir-se sozinho e triste durante noites frias.
Para uns é sentir que o seu mundo nunca esteve tão perfeito,
Para outros é tudo estar arruinado e sentir tudo desfeito.
O AMOR é também uma enorme confusão,
Uma mistura de vários sentimentos no nosso coração.
Nunca percebi bem
Qual é o significado que tem.
Já ouvi falar
Que é gostar
Muito
De
Alguém...

Pedro Batista – 9º B

DEDICATÓRIA



Aos nossos professores
Temos muito que agradecer
Por tudo o que aprendemos
E nos ajudou a crescer

Sei que sempre lembraremos
O que na escola aprendemos
E pela nossa vida fora
No coração levaremos
O local onde crescemos

Beatriz Rebocho e Joana Pereira – 9º B

DISTÂNCIA



Ao longe pela rua
A vida permanece
Se ela é escura e crua
Só no sono arrefece

A voz ao fundo da rua
É um eco natural
E é um som que dura
Na paz artificial

No interior daquela rua
Existe sempre uma brisa fria
Precisa de um sol que atravesse
A distância que nos unia

Rúben Pereira – 9º C

DORMIR



Quero dormir,
Mas não consigo:
Passa o camião,
Ladra o cão,
Grita a velha
Que vem o ladrão.

Finalmente, não oiço nada.
Olho para o outro lado
E no escuro vislumbro
O meu peixinho no aquário.

Eu sou o Mário
E durmo no armário.

Gonçalo Pereira e José Cavaco – 9º B

ELA



Sei que ela não gosta de mim,
Mas não vou desistir dela,
Pois sei que um dia, por fim,
Eu irei ficar com ela.

O tempo passa depressa
Como a idade passa por nós.
E o amor dos dias de hoje
Não é igual ao dos nossos avós.

O amor muda com o passar do tempo;
O tempo às vezes mata o amor;
O amor cruza-se com o tempo
E o tempo também faz crescer o amor.

Agora que estamos juntos
Eu não a posso perder...
Mas se isso um dia acontecer
Sei que muito irei sofrer!

**Filipe Tojo, Joana Maurício e
Simão Rebocho – 9º B**

ESCREVER



Escrever é sonhar,
Rir e chorar.
Imaginar
Um mundo de fantasia
Com passarinhos a voar,
Um pouco de magia
E com flores a desabrochar.

Ao juntares as letras,
Palavras vão surgir,
Como, por exemplo, rir.
Depois das palavras
Vêm as frases e
Assim
O poema está acabado.

Filipa Cristiano – 7º C

FÉRIAS EM FAMÍLIA



Agora que acordo
Ouço o mar a cantar.
Olho pela janela aberta
E vejo pássaros a voar.

Visto logo os calções
E preparo-me para andar
Pela praia correndo e rindo
Para depois me pôr a descansar.

Preparo uma bela almoçarada
Que vai ser sardinha assada.
Chega a família e a criançada
Para uma festa bem animada.

Depois do delicioso almocinho
Vamos ao parque passear.
E assim que regressamos
Na piscina vamos mergulhar.

Polo aquático vamos jogar
Com toda a família a cantarolar.
Com a minha namorada par faço
E lá marcamos um golaço!

Após a renhida jogatana
Já é quase hora de jantar.
A noite que se aproxima
A família reunida vai encontrar.

**Dinis Santos, Gonçalo Bárias, João Bibiu,
Rodrigo Caetano e Tomás Ramalho – 9º A**

FLORES PARA TI



Flores são flores
Lindas
Quando vivas num jardim.

Pessoas são boas,
Já nascem assim.

Flores são flores
Por vezes colhidas sem dó
Por alguém que muito ama
E não deseja ficar só.

João Guerra e João Mourão – 9º B

GOSTO DE TI



Gosto de ti pela tua maneira de ser,
Não pelo que os outros dizem.
Gosto de ti pela tua voz calma
Quando estou stressada.
E quando me sabes ouvir
Sempre que estou desanimada.
Gosto de tudo em ti,
Dos teus defeitos e qualidades.
Gosto quando te preocupas comigo
E me dizes para vestir o casaco porque está frio.
Amo-te com todas as minhas forças,
Mesmo quando nos zangamos.
E adoro quando me sussurras ao ouvido
E dizes que me amas.

Leonor Caixeiro – 9º B

MELHOR AMIGA



Ó tristeza como és horror,
Que todos os dias me trazes toda esta dor.
Porque tenho eu de estar tão triste assim?
Por que razão ninguém gosta de mim?

Mas será mesmo verdade
Que ninguém quer a minha amizade?
Talvez sim, talvez não,
Quem sabe alguém me dê a mão.

Pois esse dia chegou,
Quando um jogo nos aproximou.
Espero que isto seja de verdade,
E que dure para sempre a nossa amizade.

Juntas nos bons e nos maus momentos,
Compartilhando os nossos sentimentos.
Apesar da distância que nos separa,
Nunca ficaremos sós.

És a minha melhor amiga,
Muito alegre e divertida.
E para terminar quero que saibas
Que para sempre te vou amar.

Daniela Carreteiro – 9º D

O AMOR



O amor é como uma flor:
quando murcha não tem cor.

O amor é como uma canção:
depois de muitas vezes cantado, enche-nos o coração.

O amor é como um gelado:
é delicioso ser amado.

O amor é como a neve:
pode ser duradouro ou pode ser muito breve.

O amor é como uma folha:
quando cai já não é uma escolha.

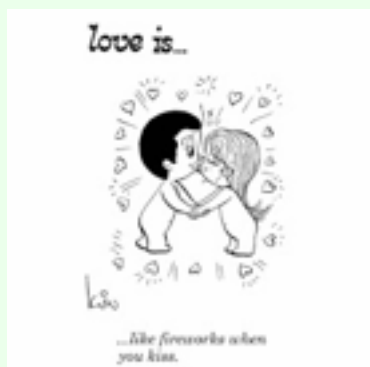
O amor é como o tempo:
por vezes é mesmo um contratempo!

O amor é como uma lima:
às vezes é amargo, outras vezes...
simplesmente não rima!

O amor é um sentimento:
sempre lindo, seja distraído ou atento.

Alexandra Bastos e Margarida Santos – 9º D

O AMOR É



O Amor é sofrido
Se não for correspondido
O amor não é fiel
Por vezes é cruel
É simples e maldoso
Muitas das vezes é duvidoso

O amor está no ar
Sem ele não se consegue respirar
O amor dá-nos esperança
dá-nos imensa confiança
O amor faz sentir paixão
Mas também tanta ilusão

O amor é dono do universo
Graças a ele escrevo este verso
O amor é perfeito
Ele concretizou um grande feito
O amor é, como se diz em português,
À vontade do freguês.

João Silva - 9º C

PAIXÃO OU AMOR?



Amor e paixão...

Paixão e amor...

Paixão é um amor incompleto
Chamado de sentimento,
Mas tratado como objeto.

Amor é mais do que paixão.
Chamado de verdadeiro,
Mas nem sempre sentimento inteiro.

O amor e a paixão
São sentimentos lindos.
Podem não ser correspondidos,
Mas serão sempre sentidos.

Como o verdadeiro amor não há
Sentimento a relatar;
Tantas vezes proibido,
Tantas vezes despercebido,
Para a vida devia ficar.

Ana Carina Ribeiro – 9º C

PALAVRAS

Sabes que há tanto
Que podia dizer
Falar-te do que somos
E do que podemos ser

Sabes uma coisa?
O amor é como o tempo
Mas por vezes
Pode haver algum contratempo

Gostava que me escrevesse
Uma carta de Amor
Para dizer tudo o que sentes
Com direitos de autor

Se tudo fosse terra
E se tudo fosse mar
Não era como pensavas
Tudo ao luar

Arranjar explicações
Para o que não há solução
Arranjar desculpas
Para o que não há resolução.

Margarida Sécio – 7º C

POSTAL DA NOSSA CIDADE



Dos gregos aos troianos
Dos castelhanos aos romanos
Portugal é um país de lutadores
E nós somos orgulhosamente
Os seus atuais conquistadores.
Évora é uma cidade com mil cores
E nós somos os seus moradores.

A nossa cidade de Évora
No aspeto é um idoso:
Pode estar gasto por fora,
Mas por dentro é carinhoso.

Évora está recheada
De património e visitantes,
Mas quem é a sua alma
Somos nós, seus habitantes.

Capital do Alentejo, Évora é terra de calor,
Do capote e de «Giraldo, o Sem Pavor».
Conhecem-nos pela preguiça,
Que nos põe a dormir sestas
Debaixo da árvore da cortiça.

**Beatriz Charneca, Henrique Sabino, João Cruz,
Marta Rosa, Miguel Ribeiro e Pedro Mendes – 9º D**

PRAIA



A praia é linda,
Linda de morrer.
Gosto de lá ir andar
E também gosto de correr.

No mar gosto de nadar,
Ver a rebentação das ondas
E as conchas redondas
Irei apanhar.

Lá ao longe vejo o horizonte,
Um pássaro a voar,
E no cimo do monte
O vento a soprar.

E agora acabo o poema,
Como se fosse história de encantar.
Se quiseres, volta a ler o início
E da praia te irás recordar.

Ana Martins e Cristina Silva – 9º D

ÚLTIMO DIA DE VIDA

Tempo para,
tempo arranca,
num silêncio infinito.

Todo o tempo conta
e tudo o que já foi
dito.

3 horas,
3 minutos,
3 segundos.

Vou dormir?
Vou pensar?
Não...

O meu tempo
vou aproveitar.
Está a passar...

2 horas,
2 minutos,
2 segundos.

Eu agora vou sonhar,
viver,
acreditar.

Quero voar no céu noturno,
encontrar um amor verdadeiro
e no final disto tudo...

Ser como D. Sebastião
e chegar no nevoeiro.
Quero fazer sensação!

Vou sair do país!
Vou a um musical da Broadway
e fazer tudo o que sempre quis.

1 hora,
1 minuto,
1 segundo.

O meu tempo está a acabar
daqui a algum tempo
vou estar noutra lugar.

Não quero saber
tudo o que o mundo
me tirou!

Não quero saber
do sítio
para onde vou!

Restas-me tu,
a única coisa
de que preciso.

Com teus lábios
nos meus
de nada mais necessito!

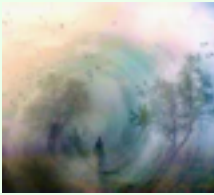
O tempo assim
não passa
em vão.

Tudo pode estar
vazio
menos o meu coração.

0 horas,
0 minutos,
0 segundos.

Margarida Pascoal – 9º A

VENTO



(Testemunho de lugares longínquos
Que vai
E volta

Ninguém sabe,
Ninguém se interessa
Quando a murmurar começa

Testemunha de tristezas e alegrias
E isso a alguém importa?
Só se interessam com suas vidas
(Que nem passam da cepa torta)

– Vivo anos e anos
Viajo por lugares infinitos
Juro-vos que tenho múltiplos
Encantos distintos
Então e aquela folha...
E a planta que ajudei a reproduzir...
De nada valem meus encantos,
Só ficam contentes quando eu partir!

Pelo menos recordem-me,
Não se esqueçam de mim...
Porque nos dias de grande calor
Vão desejar que esteja aqui.

Maria Inês Alfaiate – 9º A

VIDA

Um dia não vou mais ver a Lua
 Um dia não vou mais ver o Sol
 Um dia acabarei a minha música
 Um dia não vou mais jogar futebol

Um dia vou adormecer a ver a luz
 E acordar na escuridão
 Ou será que há mais para viver?
 Para onde será que os mortos vão?

A dúvida que na mente prevalece
 Que o cérebro não rejeita
 Terá o homem mais uma chance?
 Ou o mundo já não o aceita?

Errar é humano
 Aceitar o erro virou desumano
 Se não és tu a fazer, não fica bem
 Mas se fazes demora meio ano

A diferença é um obstáculo na amizade
 A preguiça é um obstáculo no homem
 O egoísmo é um obstáculo na igualdade
 Há pessoas que nem numa cama dormem

Nascemos e morremos
 Sorrimos e sofremos
 Aprendermos com o que vivemos
 E vivemos com o que aprendemos

A brisa do vento
 Que nos bate no ouvido
 Aquele abraço inesperado
 Daquele teu amigo
 A vida é difícil
 Mas agradeço por ter nascido
 Encontrar a felicidade
 É o objetivo que eu persigo

Afonso Roque Cadete – 9º C

Capítulo II – POEMAS DAS NOSSAS VIDAS

ADEUS

Já gastámos as palavras pela rua, meu amor,
e o que nos ficou não chega
para afastar o frio de quatro paredes.
Gastámos tudo menos o silêncio.
Gastámos os olhos com o sal das lágrimas,
gastámos as mãos à força de as apertarmos,
gastámos o relógio e as pedras das esquinas
em esperas inúteis.

Meto as mãos nas algibeiras e não encontro nada.
Antigamente tínhamos tanto para dar um ao outro;
era como se todas as coisas fossem minhas:
quanto mais te dava mais tinha para te dar.

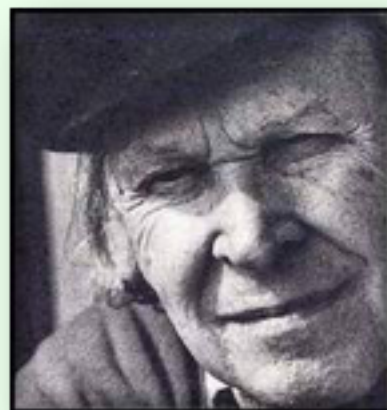
Às vezes tu dizias: os teus olhos são peixes verdes.
E eu acreditava.
Acreditava,
porque ao teu lado
todas as coisas eram possíveis.

Mas isso era no tempo dos segredos,
era no tempo em que o teu corpo era um aquário,
era no tempo em que os meus olhos
eram realmente peixes verdes.
Hoje são apenas os meus olhos.
É pouco, mas é verdade,
uns olhos como todos os outros.
Já gastámos as palavras.
Quando agora digo: meu amor,
já se não passa absolutamente nada.
E no entanto, antes das palavras gastas,
tenho a certeza
que todas as coisas estremeciam
só de murmurar o teu nome
no silêncio do meu coração.

Não temos já nada para dar.
Dentro de ti
não há nada que me peça água
O passado é inútil como um trapo.
E já te disse: as palavras estão gastas.

Adeus.

Eugénio de Andrade, in **Poesia e Prosa**, 1993.
[poema da vida da professora Helena Quadrado]



AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...

Florbela Espanca, in **Charneca em Flor**, 1928.
[poema da vida da professora Justa Arroomba]



A PAZ SEM VENCEDOR E SEM VENCIDOS

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Sophia de Mello Breyner Andresen, in **Dual**, 1919.
[poema da vida da professora Maria José Cardoso]



CALÇADA DE CARRICHE

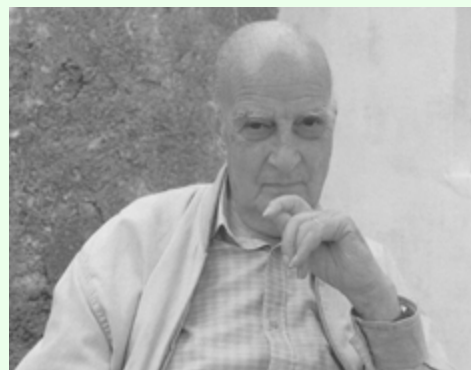
Luísa sobe,
sobe a calçada,
sobe e não pode
que vai cansada.
Sobe, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe
sobe a calçada.
Saiu de casa
de madrugada;
regressa a casa
é já noite fechada.
Na mão grosseira,
de pele queimada,
leva a lancheira
desengonçada.
Anda, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

Luísa é nova,
desenxovalhada,
tem perna gorda,
bem torneada.
Ferve-lhe o sangue
de afogueada;
saltam-lhe os peitos
na caminhada.
Anda, Luísa.
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

Passam magalas,
rapaziada,
palpam-lhe as coxas,
não dá por nada.
Anda, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

Chegou a casa
não disse nada.
Pegou na filha,
deu-lhe a mamada;
bebeu a sopa
numa golada;
lavou a loiça,
varreu a escada;
deu jeito à casa
desarranjada;
coseu a roupa
já remendada;
despiu-se à pressa,
desinteressada;
caiu na cama
de uma assentada;
chegou o homem,
viu-a deitada;
serviu-se dela,
não deu por nada.
Anda, Luísa.
Luísa, sobe,

sobe que sobe,
sobe a calçada.
Na manhã débil,
sem alvorada,
salta da cama,
desembestada;
puxa da filha,
dá-lhe a mamada;
veste-se à pressa,
desengonçada;
anda, ciranda,
desaustinada;
range o soalho
a cada passada,
salta para a rua,
corre açodada,
galga o passeio,
desce o passeio,
desce a calçada,
chega à oficina
à hora marcada,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga;
toca a sineta
na hora aprazada,
corre à cantina,
volta à toada,



puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga.
Regressa a casa
é já noite fechada.
Luísa arqueja
pela calçada.
Anda, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada,
sobe que sobe,
sobe a calçada,
sobe que sobe,
sobe a calçada.
Anda, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

António Gedeão, in **Teatro do Mundo**, 1956.
[poema da vida da professora Lourdes Dordio]

CAVALO À SOLTA

Minha laranja amarga e doce
 Meu poema feito de gomos de saudade
 Minha pena pesada e leve
 Secreta e pura
 Minha passagem para o breve
 Breve instante da loucura
 Minha ousadia, meu galope, minha rédea,
 Meu potro doido, minha chama,
 Minha réstia de luz intensa, de voz aberta
 Minha denúncia do que pensa
 Do que sente a gente certa
 Em ti respiro, em ti eu provo
 Por ti consigo esta força que de novo
 Em ti persigo, em ti percorro
 Cavalo à solta pela margem do teu corpo
 Minha alegria, minha amargura,
 Minha coragem de correr contra a ternura
 Minha laranja amarga e doce
 Minha espada, meu poema feito de dois gumes
 Tudo ou nada
 Por ti renego, por ti aceito
 Este corcel que não sossego
 À desfilada no meu peito
 Por isso digo canção castigo
 Amêndoa, travo, corpo, alma
 Amante, amigo
 Por isso canto, por isso digo
 Alpendre, casa, cama, arca do meu trigo
 Minha alegria, minha amargura
 Minha coragem de correr contra a ternura
 Minha ousadia, minha aventura
 Minha coragem de correr contra a ternura



José Carlos Ary dos Santos, 1971.
 [poema da vida da professora Gabriela Nunes]

GRAÇAS

Em ti, mil Graças sempre estão chovendo:
Se falas, Graças mil se estão ouvindo;
Mil Graças nessa boca se estão rindo;
Graças mil nesses olhos se estão vendo:

Beijam-te umas as mãos; outras correndo
A teus mimosos pés, te vão seguindo;
Umas por tuas faces vêm subindo;
Outras por teus cabelos vão descendo.

Não são só três as Graças, milhões delas,
Que te acompanhem tão gentil figura,
Ficam, postas em ti, sendo mais belas.

Já quis contá-las, mas achei loucura,
Que é reduzir a número as estrelas,
Contar as Graças nessa formosura.

João Xavier de Matos, 1789.
[poema da vida da professora Margarida Lopes]

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, in **Mensagem**, s.d.
[poema da vida do professor Hugo Batalha]





NA HORA DE PÔR A MESA, ÉRAMOS CINCO

na hora de pôr a mesa, éramos cinco:
o meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs
e eu. depois, a minha irmã mais velha
casou-se. depois, a minha irmã mais nova
casou-se. depois, o meu pai morreu. hoje,
na hora de pôr a mesa, somos cinco,
menos a minha irmã mais velha que está
na casa dela, menos a minha irmã mais
nova que está na casa dela, menos o meu
pai, menos a minha mãe viúva. cada um
deles é um lugar vazio nesta mesa onde
como sozinho. mas irão estar sempre aqui.
na hora de pôr a mesa, seremos sempre cinco.
enquanto um de nós estiver vivo, seremos
sempre cinco.

José Luís Peixoto, in **A Criança em Ruínas**, 1974.
[poema da vida da professora Lina Bolas]



POEMA XV (ME GUSTAS CUANDO CALLAS)

Me gustas cuando callas porque estás como ausente,
y me oyes desde lejos, y mi voz no te toca.
Parece que los ojos se te hubieran volado
y parece que un beso te cerrara la boca.

Como todas las cosas están llenas de mi alma
emerges de las cosas, llena del alma mía.
Mariposa de sueño, te pareces a mi alma,
y te pareces a la palabra melancolía.

Me gustas cuando callas y estás como distante.
Y estás como quejándote, mariposa en arrullo.
Y me oyes desde lejos, y mi voz no te alcanza;
Déjame que me calle con el silencio tuyo.

Déjame que te hable también con tu silencio
claro como una lámpara, simple como un anillo.
Eres como la noche, callada y constelada.
Tu silencio es de estrella, tan lejano y sencillo.

Me gustas cuando callas porque estás como ausente.
Distante y dolorosa, como si hubieras muerto.
Una palabra entonces, una sonrisa bastan.
Y estoy alegre, alegre de que no sea cierto.

Pablo Neruda, **Fundación Pablo Neruda**, 1904.
[poema da vida do professor José Soares]

RIFÃO QUOTIDIANO

Uma nêpera
estava na cama
deitada
muito calada
a ver
o que acontecia

chegou a Velha
e disse
olha uma nêpera
e zás comeu-a

é o que acontece
às nêperas
que ficam deitadas
caladas
a esperar
o que acontece



Mário Henrique Baptista Leiria, in **Novos Contos do Gin-Tonic**, 1973.
[poema da vida da professora Maria João Contas]

CAPÍTULO III – LAVRATÓRIO DE POESIA

INANIA VERBA

Ah! quem há de exprimir, alma impotente e escrava,
O que a boca não diz, o que a mão não escreve
- Ardes, sangras, pregada à tua cruz e, em breve,
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
A forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...
E a Palavra pesada abafa a Ideia leve,
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo
Ai! quem há de dizer as ânsias infinitas
Do sonho e o céu que foge à mão que se levanta

E a ira muda e o asco mudo e o desespero mudo
E as palavras de fé que nunca foram ditas
E as confissões de amor que morrem na garganta

Olavo Bilac, in **Poesias**, 1888.



Claude Monet, *Impression Soleil Levant*, 1872

AUTOPSILOGRAFIA

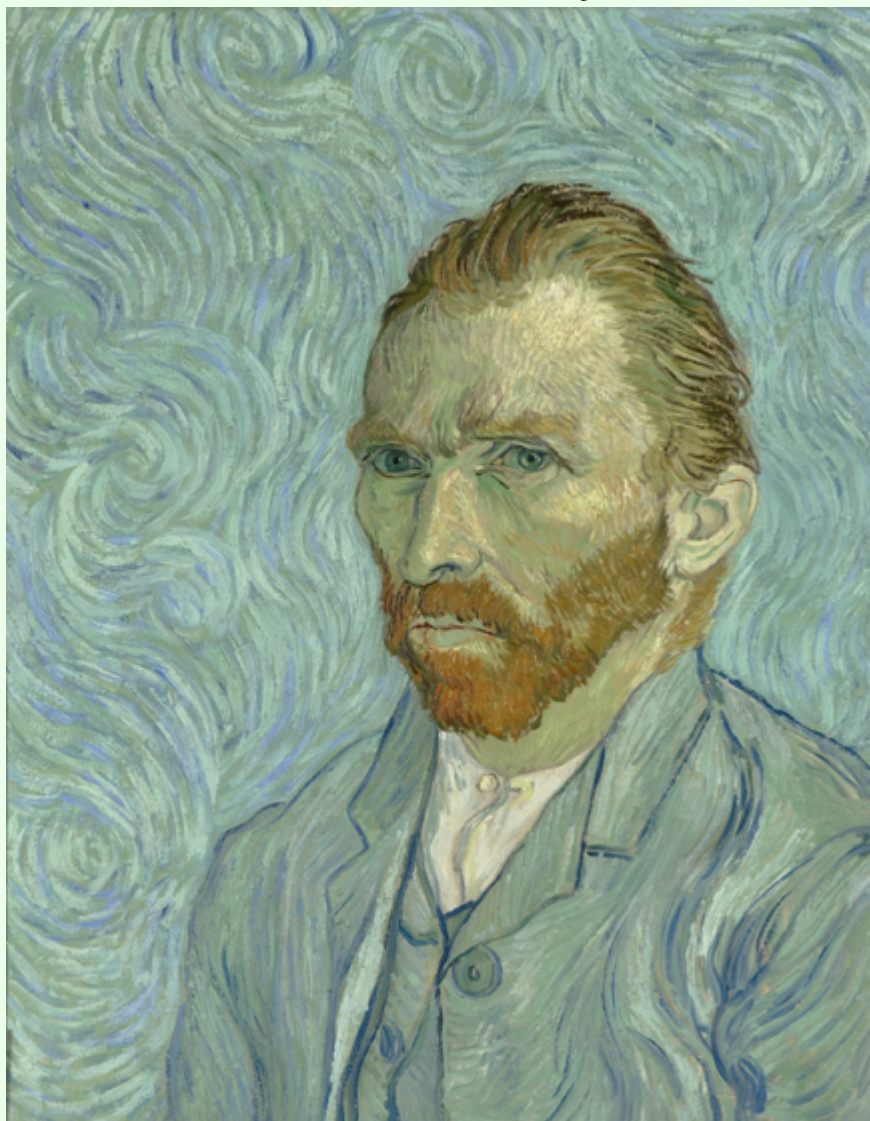
O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.,

Fernando Pessoa, in **Poesias**, s.d..

Vincent van-Gogh, *Autorretrato*, 1888.



Gastei uma hora pensando um verso,
que a pena não quer escrever.
No entanto, ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

Carlos Drummond de Andrade, in **Alguma Poesia**, 1930.

Brenda Lyon, 2011 (pintura sobre penas de pavão).



SER POETA

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda gente!

Florbela Espanca, in **Charneca em Flor**, 1931.

Gustav Klimt, *O beijo*, 1907-1908





Clarice Lispector, *Luta sangrenta pela paz*, 1975.

O LUTADOR

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entretanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.

Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
aquela sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor

Me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,

ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

POESIA MATEMÁTICA

Às folhas tantas
do livro matemático
um Quociente apaixonou-se
um dia
doidamente
por uma Incógnita.
Olhou-a com seu olhar inume-
rável
e viu-a do ápice à base
uma figura ímpar;
olhos rombóides, boca trapezói-
de,
corpo retangular, seios esferói-
des.
Fez de sua uma vida
paralela à dela
até que se encontraram
no infinito.
"Quem és tu?", indagou ele
em ânsia radical.
"Sou a soma do quadrado dos
catetos.
Mas pode me chamar de Hipo-
tenusa."
E de falarem descobriram que
eram
(o que em aritmética corres-
ponde
a almas irmãs)
primos entre si.
E assim se amaram
ao quadrado da velocidade da
luz
numa sexta potenciação
traçando
ao sabor do momento
e da paixão
retas, curvas, círculos e linhas

sinoidais
nos jardins da quarta dimensão.
Escandalizaram os ortodoxos
das fórmulas euclidiana
e os exegetas do Universo Finito.
Romperam convenções newto-
nianas e pitagóricas.
E enfim resolveram se casar
constituir um lar,
mais que um lar,
um perpendicular.
Convidaram para padrinhos
o Poliedro e a Bisettriz.
E fizeram planos, equações e
diagramas para o futuro
sonhando com uma felicidade
integral e diferencial.
E se casaram e tiveram uma
secante e três cones
muito engraçadinhos.
E foram felizes
até aquele dia
em que tudo vira afinal
monotonia.
Foi então que surgiu
O Máximo Divisor Comum
freqüentador de círculos con-

cêntricos,
viciosos.
Ofereceu-lhe, a ela,
uma grandeza absoluta
e reduziu-a a um denominador
comum.
Ele, Quociente, percebeu
que com ela não formava mais
um todo,
uma unidade.
Era o triângulo,
tanto chamado amoroso.
Desse problema ela era uma
fração,
a mais ordinária.
Mas foi então que Einstein des-
cobriu a Relatividade
e tudo que era espúrio passou a
ser
moralidade
como aliás em qualquer
sociedade.

Millôr Fernandes, in *Tempo e
Contratempo*, 1950.

René Magritte, *Golconda*, 1953



POEMA DO CORAÇÃO

Eu queria que o Amor estivesse realmente no coração,
 e também a Bondade,
 e a Sinceridade,
 e tudo, e tudo o mais, tudo estivesse realmente no coração.
 Então poderia dizer-vos:
 “Meus amados irmãos,
 falo-vos do coração”,
 ou então:
 “com o coração nas mãos”.

Mas o meu coração é como o dos compêndios.
 Tem duas válvulas (a tricúspida e a mitral)
 e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).
 O sangue ao circular contrai-os e distende-os
 segundo a obrigação das leis dos movimentos.

Por vezes acontece
 ver-se um homem, sem querer, com os lábios apertados,
 e uma lâmina baça e agreste, que endurece
 a luz dos olhos em bisel cortados.
 Parece então que o coração estremece.
 Mas não.
 Sabe-se, e muito bem, com fundamento prático,
 que esse vento que sopra e ateia os incêndios,
 é coisa do simpático.
 Vem tudo nos compêndios.

Então, meninos!
 Vamos à lição!
 Em quantas partes se divide o coração?

António Gedeão, in **Poesias Completas**, 1956-1967.



Frida Kalo, *As duas Fridas*, 1939.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhes deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade, in **Antologia Poética**, 1962.



Mário Alex Rosa, *Guarda letras*, 2010.

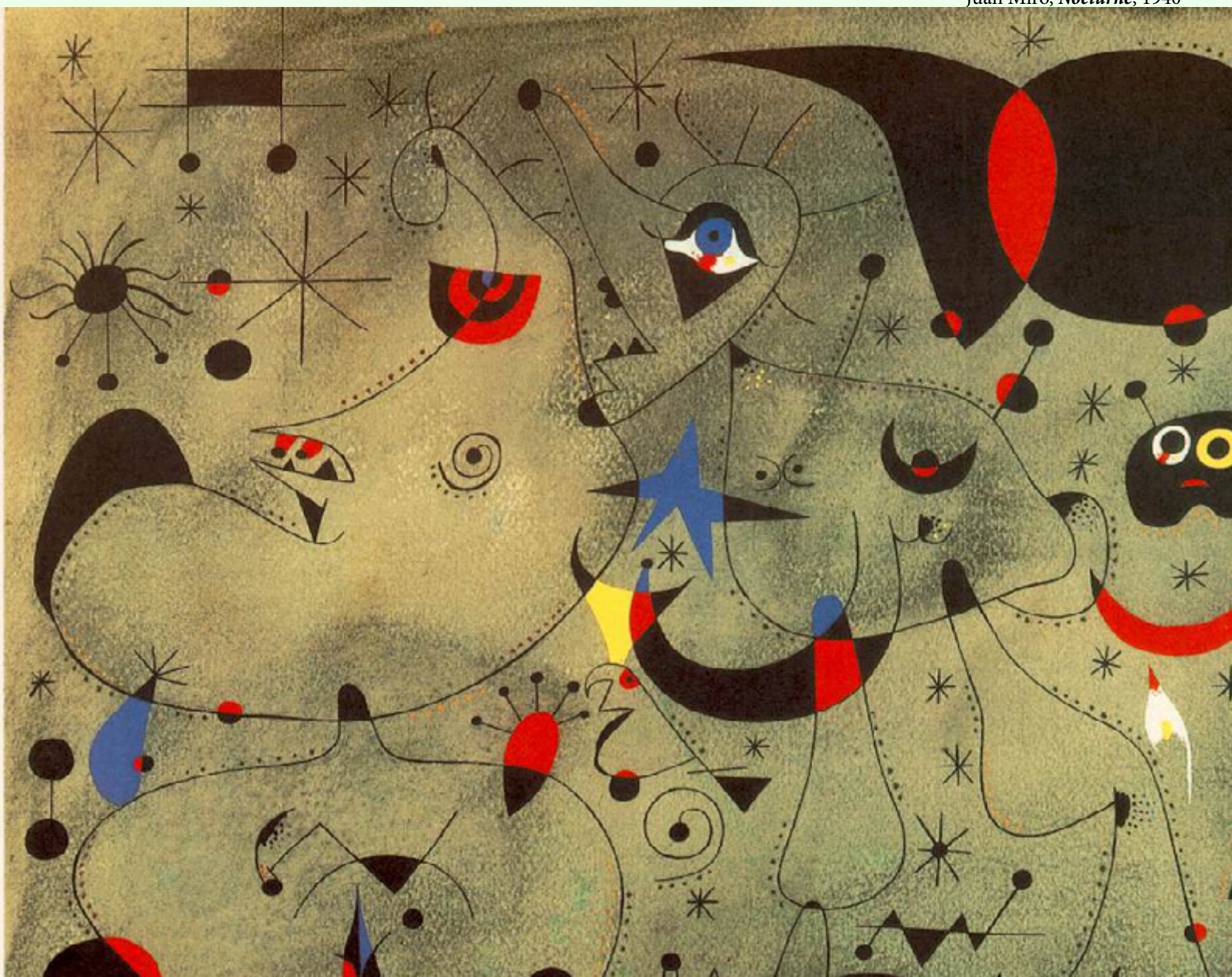
NO POEMA

Transferir o quadro, o muro, a brisa
A flor, o copo, o brilho da madeira
E a fria e virgem limpidez da água
Para o mundo do poema limpo e rigoroso;

Preservar de decadência morte e ruína
O instante real de aparição e da surpresa
Guardar num mundo claro
O gesto claro da mão tocando a mesa.

Sophia de Mello Breyner Andresen, in **Livro Sexto**, 1962.

Juan Miró, *Nocturne*, 1940



AS PALAVRAS

Palavras tantas vezes perseguidas
palavras tantas vezes violadas
que não sabem cantar ajoelhadas
que não se rendem mesmo se feridas.
Palavras tantas vezes proibidas
e no entanto as únicas espadas
que ferem sempre mesmo se quebradas
vencedoras ainda que vencidas.
Palavras por quem eu já fui cativo
na língua de Camões vos querem escravas
palavras com que canto e onde estou vivo.
Mas se tudo nos levam isto nos resta:
estamos de pé dentro de vós palavras.
Nem outra glória há maior do que esta.

Manuel Alegre, in *O Canto e as Armas*, 1967.

Amadeu de Souza Cardoso, *Parto da viola - Bon ménage* 1916

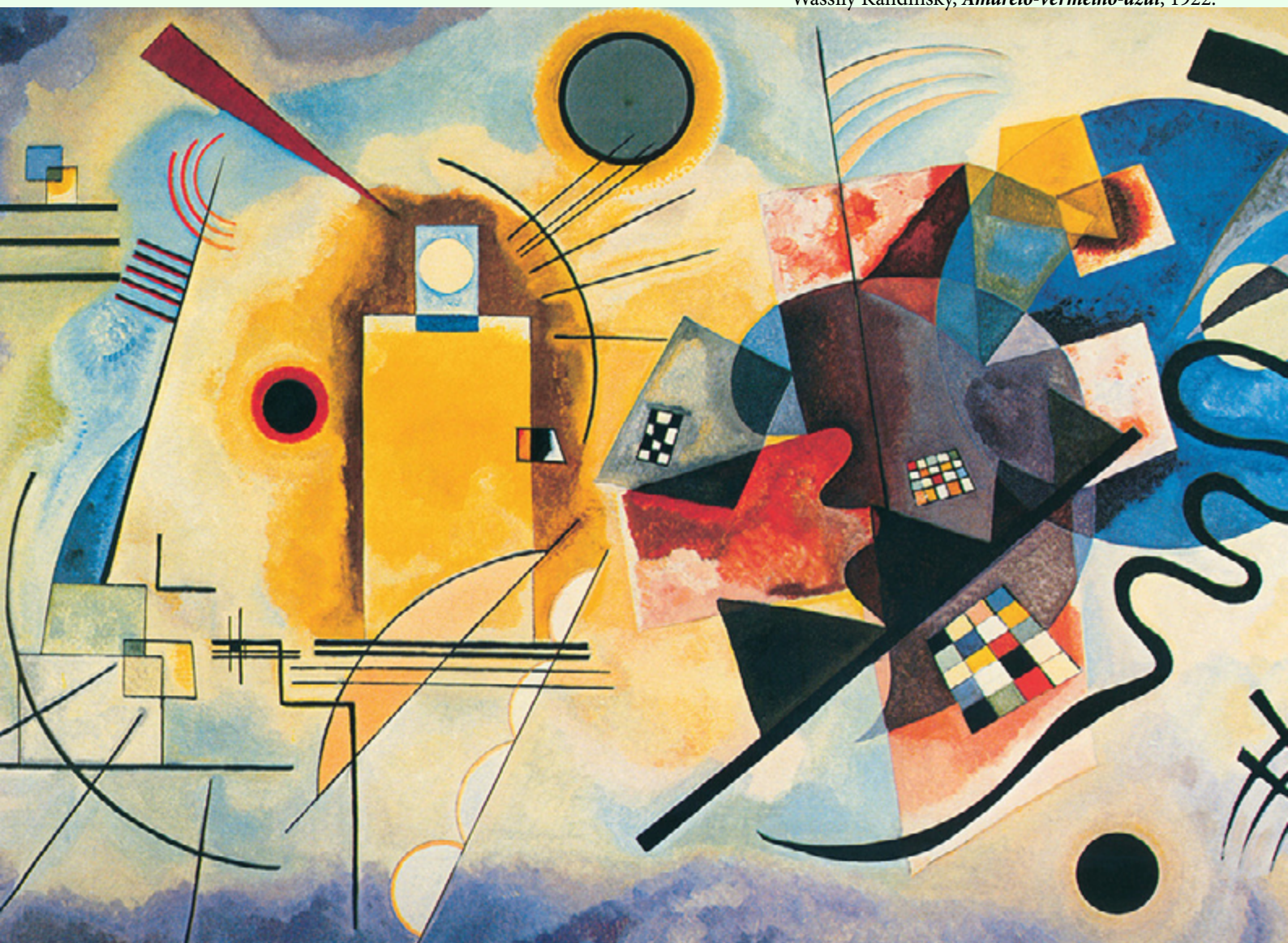


LAVOISIER

Na poesia,
natureza variável
das palavras,
nada se perde
ou cria,
tudo se transforma:
cada poema,
no seu perfil
incerto
e caligráfico,
já sonha outra forma.

Carlos de Oliveira, in *Sobre o Lado Esquerdo*, 1968.

Wassily Kandinsky, *Amarelo-vermelho-azul*, 1922.



QUADRAS SOLTAS

Peço às altas competências
Perdão, porque mal sei ler,
P'ra aquelas deficiências
Que os meus versos possam ter.

Quando não tenhas à mão
Outro livro mais distinto,
Lê esses versos que são
Filhos das mágoas que sinto.

Julgam-me mui sabedor;
E é tão grande o meu saber
Que desconheço o valor
Das quadras que sei fazer!

Compreendo que envelheci
E que já daqui não passo,
Como não passam daqui
As pobres quadras que faço!

António Aleixo, in *Este livro que vos deixo*, 1969.



Pablo Picasso, *Cabeças Grandes*, 1969.

ARTE POÉTICA

Fecho os olhos e avanço.
E começa o poema.
Rodeiam-me os fantasmas
Fugidios
Dos versos que persigo.
A regra é caminhar
E chegar sem saber.
De tal modo é cruzada
A encruzilhada
Onde o milagre pode acontecer.

Mas sendo, como é, de cabra-cega
O jogo,
E é um destino jogá-lo,
É sempre incerto que o principio.
Tacteo no vazio
Da expressão,
Vou seguindo
Seguindo,
E ganho quando sinto a salvação
No próprio gosto de me ir iludindo.

Miguel Torga, in **Diário XIII**, 1970.

Pieter Brueghel, o Velho, *Jogos Infantis*, 1560.



A DEFESA DO POETA

Senhores jurados sou um poeta
 um multipétalo uivo um defeito
 e ando com uma camisa de vento
 ao contrário do esqueleto

Sou um vestibulo do impossível um lápis
 de armazenado espanto e por fim
 com a paciência dos versos
 espero viver dentro de mim

Sou em código o azul de todos
 (curtido couro de cicatrizes)
 uma avaria cantante
 na maquina dos felizes

Senhores banqueiros sois a cidade
 o vosso enfarte serei
 não há cidade sem o parque
 do sono que vos roubei

Senhores professores que pusestes
 a prémio minha rara edição
 de raptar-me em crianças que salvo
 do incêndio da vossa lição

Senhores tiranos que do baralho
 de em pó volverdes sois os reis
 sou um poeta joga-me aos dados
 ganho as paisagens que não vereis

Senhores heróis até aos dentes
 puro exercício de ninguém
 minha cobardia é esperar-vos
 umas estrofes mais além

Senhores três quatro cinco e sete
 que medo vos pôs por ordem?
 que pavor fechou o leque
 da vossa diferença enquanto homem?

Senhores juizes que não molhais
 a pena na tinta da natureza
 não apedrejeis meu pássaro
 sem que ele cante minha defesa

Sou uma impudência a mesa posta
 de um verso onde o possa escrever
 ó subalimentados do sonho!
 a poesia é para comer.

Natália Correia, **Poesia Completa**, 1970.



Pablo Picasso, **O Poeta**, 1911.

Que é Poesia?
uma ilha
cercada
de palavras
por todos os lados.

Que é o Poeta?
um homem
que trabalha o poema
com o suor de seu rosto
um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem.

Cassiano Ricardo, in *Poética*, 1974.



Fábio Luna, *Três frutas e uma emoção: Olinda!*

Vou cantar a vida
Em verso e prosa
Vou me vestir de rosas
E me fazer toda prosa
Pra conquistar teu coração.

Letícia Thompson, in **Vou cantar a vida**, 1992

José Malhoa, *Painel do Fado*, 1910.



PARA ESCREVER UM POEMA

O poeta quer escrever sobre um pássaro:
e o pássaro foge-lhe do verso.

O poeta quer escrever sobre a maçã:
e a maçã cai-lhe do ramo onde a pousou.

O poeta quer escrever sobre uma flor:
e a flor murcha no jarro da estrofe.

Então, o poeta faz uma gaiola de palavras
para o pássaro não fugir.

Então, o poeta chama pela serpente
para que ela convença Eva a morder a maçã.

Então, o poeta põe água na estrofe
para que a flor não murche.

Mas um pássaro não canta
quando o fecham na gaiola.

A serpente não sai da terra
porque Eva tem medo de serpentes.
E a água que devia manter viva a flor
escorre por entre os versos.

E quando o poeta pousou a caneta,
o pássaro começou a voar,
Eva correu por entre as macieiras
e todas as flores nasceram da terra.

O poeta voltou a pegar na caneta,
escreveu o que tinha visto,
e o poema ficou feito.

Nuno Júdice, in *A Matéria do Poema*, 2008.



Salvador Dalí, *A metamorfose de Narciso*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos quantos tornaram possível a concretização deste projeto e dedicamos este livro a todos os nossos alunos dos 7.º, 8.º e 9.º anos do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira.